

SOFRIMENTO E AMOR: caminho da teologia mística de Marguerite Porete

Ênio José da Costa Brito

Resumo:

Brito apresenta a tese doutoral de Ceci Mariani sobre o caminho da mística em Marguerite Porete. A importância dos escritos e de suas idéias teológicas e espirituais são postas em realce, especialmente no que diz respeito ao lugar teológico do Espírito Santo e o uso da imagem da relação sponsal para falar da experiência mística.

Palavras-chave: Marguerite Porete; Mística medieval; Mística e Espírito Santo.

Abstract:

Brito presents here the Ceci Mariani doctoral thesis which deals with the mystical way of Marguerite Porete. The meaning of her writings and ideas is highlighted mainly the place of the Holy Spirit and the use of the sponsal images in order to talk about the mystical experience.

Key words: Marguerite Porete; Medieval Mystic; Mystic and the Holy Spirit.

Ao não ver nada, viu o nada Divino. Santo Agostinho diz: quando não viu nada, então viu Deus [São Paulo diz] aquele que não vê nada e é cego, vê Deus. É por isso que Santo Agostinho diz: dado que Deus é uma verdadeira luz e um suporte da alma, estando mais próximo dela do que ela mesma: quando a alma desvia-se de todas as coisas criadas, necessariamente Deus brilha nela (Mestre Eckhart).

Ceci Maria Costa Mariani, com a tese intitulada, *Marguerite Porete, teóloga do Século XIII. Experiência mística e teologia dogmática em O Espelho das Almas Simples*, dá uma contribuição significativa não só para os estudos da mística em geral, mas oferece aos leitores de hoje, uma chave de leitura para se compreender o pensamento de Marguerite Porete, teóloga que com sensibilidade relatou o itinerário da alma rumo a liberdade perfeita.

A análise da experiência mística de Marguerite Porete esconde muitas surpresas, que, para serem amplamente apreendidas, necessitarão de algum tempo de estudo. A autora, no entanto, abriu veredas preciosas; daí a razão destas breves notas sobre a rica e sugestiva tese, defendida em dezembro de 2008.¹

Ao comentar a pesquisa de Ceci Mariani, estas notas seguem duas estratégias. Primeira, realçar as qualidades da pesquisa e o seu conteúdo; segunda, oferecer sugestões e complementações possíveis para uma aproximação mais contextualizada da rica experiência espiritual de Marguerite Porete.

Ao começar a leitura da tese, lembrei-me de um conto de João Guimarães Rosa, em *Primeiras Estórias*, intitulado *O espelho*. Esse conto ocupa um lugar de destaque, ou como observa com acuidade Heloisa Vilhena de Araújo, ele está no meio e oferece uma chave de leitura para toda a obra.² Araújo confirma sua intuição lembrando que esta dinâmica se repete em *Corpo de Baile*, com o conto *O recado do morro*, também ele aglutinador dos demais e, em especial, em *Grande Sertão: Veredas*. Nele, a idéia do meio marca os lugares chaves: *o meio do redemoinho, o meio da rua, o meio do caminho*.³

Esta idéia do meio será nosso fio condutor no desenvolvimento das duas estratégias.

Da atualidade

O campo teológico ressent-se, hoje, da falta de espaços nos quais se possam estabelecer debates rigorosos, criativos, honestos e livres. O espaço para discussões teológicas tem encolhido, nas últimas décadas, dando lugar às suspeitas e acusações que turvam o horizonte teológico e acabam suscitando inquietações que envolvem inúmeras pessoas.

Mariani, em *Marguerite Porete, teóloga do Século XIII*, não só abre espaços para o diálogo, como mostra exemplarmente um jeito de fazer teologia, que acolhe a vida e em especial a vida mística.

¹ A tese foi defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no dia 6 de dezembro de 2008, sendo a banca composta pelos professores Luis Felipe Pondé (Orientador), Frei Carlos Josaphat, João Décio Passos, Ênio José da Costa Brito e Alexandre Heinrich Otten.

² Cf. H. VILHENA DE ARAÚJO, *O Espelho*. Contribuição ao estudo de Guimarães Rosa. São Paulo, Mandarim, 1998, p.19. A citação de Mestre Eckhart que abre o texto encontra-se no livro de Vilhena de Araújo, p. 35.

³ *Ibidem*. Ver também: ROSA, J. G., *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976; *Corpo de baile*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

Merece destaque, a preocupação epistemológica presente já na formulação da hipótese. *Esta pesquisa procurou olhar para esse texto [O Espelho das Almas Simples] sob a inspiração da hipótese da existência, nesse lugar e nesse tempo, de um saber teológico que não é discurso sobre Deus em si, fundamentado na tradição, nem discurso sobre Deus em nós fundamentado na ciência, mas discurso a partir de Deus. Conhecimento que não se constitui como teologia mística paralela, independente e, de certa maneira, periférica, mas como teologia dogmática com fundamento místico, verdade sobre Deus não passível de ser dominada, absolutamente transcendente, absolutamente inesperada.*⁴

Dois princípios fundamentam e sustentam a dimensão epistemológica da tese: a caracterização clara do gênero literário. *A atitude mais ousada de Marguerite teria sido a de escrever um tratado místico-teológico em língua vernácula*, observa Mariani.⁵ O segundo princípio é a análise do texto no seu contexto. Voltaremos a este princípio, pois o contexto no qual viveu Marguerite Porete merece uma ampliação que certamente ajudará o leitor a perceber mais claramente as incidências de cunho global da visão mística de Marguerite Porete.

Digno de nota, o trabalho arqueológico busca informações sobre *O Espelho das Almas Simples*, informações necessárias para uma recepção mais analítica do mesmo. O livro de Marguerite Porete apresenta o caminho que conduz a alma à união perfeita com seu Criador e Senhor sob forma de alegoria mística. *O Mirouer se inicia como um romance de amor, um romance alegórico cortês depositário de uma cultura laica veiculada pela linguagem vulgar, um romance como outros que mistura os gêneros épico, cortês, alegórico e é escrito tanto em verso quanto em prosa.*⁶

Mariani não esquece o seu leitor, prepara-o com cuidado para acolher o pensamento de Marguerite Porete; poder-se-ia falar de uma dimensão pedagógica presente nos três primeiros capítulos da tese. Após a leitura, o neófito leitor está preparado para trilhar as veredas da experiência mística e da reflexão dogmática apresentadas em *O Espelho das Almas Simples*. No livro, Marguerite Porete *compõe uma reflexão pneumatológica, uma explicação sobre o Espírito Santo, 'Fino Amor' (Deus) que transforma a alma aniquilando-a em preparação para o encontro com Deus (que é o amor), encontro que se dá agora, e que se dará num futuro escatológico que ela denominará, 'país da liberdade perfeita'.*⁷

Tese erudita que abre um diálogo com a literatura, a filosofia, a teologia, a história e a patrística.

⁴ Cf. C. M. B. MARIA-NI, *Marguerite Porete, teóloga do Século XIII. Experiência mística e teologia dogmática em O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porete*. São Paulo, Doutorado em Ciências da Religião, PUCSP, 2008, p. 9.

⁵ Idem, p. 57. Em outra passagem relembra: *A obra de Marguerite Porete, Le Mirouer des Simples Ames escrita em língua vernácula, estando dentro de um contexto religioso, é 'espelho exemplar', isto é, um escrito inserido num gênero literário pertencente à tradição cristã, com intenção de 'instruir' a respeito de um itinerário espiritual*, p. 60.

⁶ Idem, p.39.

⁷ Idem, p. 123.

⁸ Idem, p. 38.

⁹ Idem, p. 43.

Cf. M. NACARATO, Dois modelos epistemológicos: platonismo agostiniano e aristotelismo tomista. Em *SÍNTESE*, 28 (2001), p. 97-114 [105]. Agostinho viveu de 354 a 430.

¹⁰ Para uma discussão mais ampla sobre a espiritualidade. Veja-se BRITO, Ê. J. C.. *O leigo cristão no mundo e na Igreja*. Estudo teológico-pastoral sobre o pensamento de Yves M.-J. Congar. São Paulo, Edições Loyola, 1980, p. 93-109.

¹¹ Mariani concorda com Comblin que, em *Vocação para a liberdade*, observa pelo valor espiritual, as obras de Hadewijch de Antuérpia, Hadewijch II, Beatriz de Nazaré, Mechthild de Magdeburgo, Margarida Porete, Lutgardes de Tongeren, Yvette de Huy, Maria de Oignies e Cristina de Admirável constituem a base da mística ulterior e, finalmente, de toda a mística ocidental. *Inspiram Ruysbroeck, Tauler e Eckhart*. Cf. J. COMBLIN, *Vocação para a Liberdade*. São Paulo, Paulus, 1998, p. 127. *Apud* C. M. B. MARIANI, *Marguerite*, p. 43.

Do conteúdo

A tese está organizada em cinco capítulos, que aliam sólida pesquisa a análises baseadas em fino arcabouço teórico. No capítulo primeiro, *O Espelho das Almas simples em foco. História, filosofia e teologia*, a preocupação é resgatar o pensamento teológico de Marguerite Porete presente no *O Espelho das Almas Simples*. Obra escrita, provavelmente, no final do Século XIII. Sendo uma obra pouco conhecida do público brasileiro, Mariani apresenta alguns estudos realizados sobre ela, nos campos da história e da filosofia. Finaliza o capítulo discutindo questões teológicas, escolhendo como contraponto os estudos sobre a Teologia do Espírito.

*Ao nosso ver, é também desse lugar teológico, lugar da Teologia do Espírito que foi muitas vezes julgada como heresia, que podemos compreender melhor a obra de Marguerite Porete, teóloga do Século XIII, autora de um Tratado de Pneumatologia, escrito em tempo de esquecimento do Espírito, lembra Mariani.*⁸

Uma contundente questão intitula o segundo capítulo: *O Espelho das Almas Simples, um espelho herético?* O capítulo passa das representações aos fatos, oferecendo elementos necessários para a reconstrução do contexto no qual viveu e escreveu Marguerite Porete. Mariani dá uma ênfase para o Movimento Beguinal. *É dentro desse movimento que nasce a mística em língua vulgar, mística que tem como base metafísica o neoplatonismo de Santo Agostinho.*⁹

O movimento Beguinal se propunha renovar a vida religiosa, abrindo para os leigos a oportunidade de trilhar os caminhos da perfeição cristã. O modelo de santidade hegemônico na Igreja era o monacal, daí o viver em confraria pelos Begardos e Beguinas, e buscar nos monges orientações para a vida espiritual.¹⁰

Mas, esse movimento de leigos, desde a sua origem esteve sob suspeita. O Concílio de Lyon, em 1274, reage às interpretações da Escritura e a leitura da Bíblia em língua vulgar; os Concílios de Colônia, em 1306, e de Viena, em 1311-1312, finalmente, condenam esses grupos de mulheres e homens que procuravam viver uma intensa vida espiritual e mística.¹¹

A própria Marguerite Porete, sentenciada foi entregue à justiça secular para ser executada, morreu queimada em Paris, no dia 1º de julho de 1310. O processo contra Marguerite Porete centralizou-se na qualificação herética de algumas proposições do *O Espelho das Almas Simples*.

No terceiro capítulo, *Teologia, Mística e Heresia*, Mariani encontrou um jeito de elaborar um tema complexo no campo teológico, o *déficit* de uma teologia do Espírito, tema já sinalizado no capítulo primeiro ao referir-se ao esquecimento do Espírito.¹²

Para retomar seu objetivo – compreender a obra de Marguerite Porete, como obra teológica –, Mariani recoloca em pauta a relação entre teologia e mística. Escolhe como eixo condutor da reflexão sobre a teologia o conflito, escolha acertada, pois, a Pneumatologia ocupou no horizonte teológico ocidental as *bordas da tradição*.

Os subtítulos pontuam os passos: O Espírito Santo, uma ameaça! O Espírito Santo como ameaça à autoridade da Escritura; ao dogma; à instituição eclesiástica e ao espírito humano.

Ao mapear as tensões, Mariani aproximou a experiência do Espírito à experiência mística, movimento que abriu caminho para a discussão da intrincada relação entre Mística cristã e Teologia do Espírito. Uma vez mais, o leitor é convidado a acompanhar o longo caminho histórico dessas relações. Travessia rica de ensinamentos.

No capítulo quarto, intitulado, *Rumo ao país da liberdade perfeita*, um dos temas discutidos é o do aniquilamento, *momento da descoberta da verdadeira nobreza*. Tema axial, apresentado como o momento em que as almas simples alcançam a liberdade perfeita. Em outras palavras, discute-se o tema das mediações e do encontro com Deus.

Marguerite Porete mostra ser necessário transpor as mediações do pensamento, da linguagem, da Igreja e dos meios sacramentais. *A ousadia da autora é propor o caminho do aniquilamento que implica não desejar nada para que o desejo de Deus, a vontade de Deus, o amor de Deus que a ultrapassam façam nela sua morada.*¹⁵

No capítulo quinto, *Deus é cortesia: ousada afirmação poética de uma teologia negativa*, ao ampliar o tema do capítulo anterior, pode finalmente apresentar a teologia de Marguerite Porete, *que se expressa através de uma interessante síntese entre teologia negativa e poesia trovadoresca.*¹⁴

Um impasse, presente na reflexão teológica, inquietava as almas medievais, pois, afirmava-se a total impossibilidade para a inteligência humana de alcançar ou ser elevada ao conhecimento de Deus. Para Josaphat: *Aos textos já conhecidos de Dionísio juntavam-se novas asserções mais radicais tomadas a alguns santos Padres orientais, especialmente João Crisóstomo sobre a absoluta e total transcendência de Deus, a qual acarretaria a impossibilidade de se conhecer a Deus*

¹² Cf. C. M. B. MARIANI, *Marguerite Porete, teóloga do Século XIII*, op. cit., p. 36.

¹⁵ Idem, p.139.

¹⁴ Idem, p. 12.

¹⁵ Cf. C. JOSAPHAT, *Falar de Deus e com Deus*. Caminhos e descaminhos das religiões hoje. São Paulo, Paulus, 2004, pp.180-181. Cf. C. M. B. MARIANI, *Marguerite Porete, teóloga do século XIII*, op. cit., p.181.

¹⁶ Cf. C. M. B. MARIANI, *Marguerite Porete, teóloga do Século XIII*, op. cit., p.181.

¹⁷ Idem, p.198.

¹⁸ Idem, p.193.

*como Ele é, mesmo na visão beatífica que constitui o objeto da grande esperança cristã.*¹⁵

A resposta de Marguerite Porete a esse impasse é surpreendente. Responde poeticamente: *vai ousar falar de Deus e a Deus em trovas, elaborando uma teologia ousada que se expressa em cantigas sobre e ao Amor infinito, àquele que transcende a todo nome, mas que, tomada por tão grande amor, a alma não se contém em O anunciar, mesmo sob o risco de mentir.*¹⁶

Qual é a melhor mediação? Marguerite Porete propõe o amor, expresso em termos de Amor Cortez. No entanto, deve-se entendê-lo bem. O Amor Cortez não é o da Corte, voltado para a mulher amada, a senhora do pensamento do cavaleiro. Seu *habitat* é o da mística nupcial.

Na busca de purificação da mediação, Marguerite Porete vai ao encontro da Teologia negativa. *A teologia de Marguerite Porete, fundamentalmente marcada pela teologia negativa de Pseudo-Dionísio vai também entender a negação como caminho para Deus que, para esse último, é Trindade, supraessencial, sabedoria mais além do não saber e da luz, trevas luminosas.*¹⁷

Dado que levanta a questão como relacionar amor cortez e teologia negativa, relação que não pode bloquear a busca, a procura de Deus, Marguerite Porete acaba percebendo que o Amor é para ele mesmo sua mediação. *O Mirouer fala de amor, do Amor-Deus absolutamente separado, vindo do Pai e do Filho, que pode ser experimentado, segundo Marguerite, da mesma forma como é experimentado o Fino Amor da poesia provençal, aprofundado e radicalizado no enfrentamento da inacessibilidade do objeto do desejo e no aniquilamento de si mesmo.*¹⁸

Das complementações

Para desenvolver a segunda estratégia, começo com as sugestões, que diante de um trabalho tão rico, podem parecer supérfluas. Uma palavra mais incisiva com relação ao contexto eclesial seria importante para mostrar a força renovadora e crítica presentes na vivência e nos escritos de Marguerite Porete.

Na teologia e práxis da Igreja oficial do Século XIII, não havia lugar para o Espírito Santo, como fonte de vida. Simplificando, poder-se-ia dizer que cabia ao Espírito Santo um papel funcional na vida da Igreja, estava a serviço do magistério eclesiástico. Não se pode esquecer que no Século XIII, o contexto urbano era uma realidade marcada pela diversidade e autonomia e às transformações ocorridas no campo da política, da economia e da sociedade seguiam-se mudanças

no campo cultural. Os conflitos de poder se faziam presentes nas grandes instituições da sociedade. Na Igreja, era visível a tensão entre poder tradicional e poder carismático.

A Igreja tinha na teologia oficial uma fiel aliada na manutenção da ortodoxia; uma teologia do Espírito, nesse contexto, gerava suspeita. Entende-se, então, porque Marguerite Porete será suspeita de heresia. Além disso, cabia, às mulheres daquela época, cuidar da casa, viver na humildade, não escrever e principalmente ser submissas. Sabe-se que as exceções sempre se fizeram presentes em todos os campos do familiar ao religioso.¹⁹

Marguerite Porete não só viveu uma vida laica religiosa, como escreveu, e escreveu teologia dando destaque ao papel do Espírito Santo na caminhada da alma para Deus. *O Fino Amor é o Espírito Santo, ousa Marguerite, Deus que habita a alma despojada de tudo, até das faculdades de pensar e querer, faculdades fundamentais que determinam o seu ser. É o Fino Amor, o Espírito Santo, canta a alma, que a faz encontrar os versos da canção com os quais pode louvar seu bem-amado, seu Amor de longe, aquele que permanecerá, em sua transcendência, sempre inacessível às possibilidades humanas, inalcançável pela inteligência e pela vontade.*²⁰

Mulher admirável, pois, não abandonou o seu itinerário místico, como procurou vivê-lo no seio de uma instituição que, naquele momento histórico, não hesitava eliminar os que ela julgava heréticos. Não se pode esquecer que a Inquisição, ao ser criada no Século XIII, tinha como escopo principal combater os movimentos heréticos presentes na Europa, entre eles o catarismo.²¹

Marguerite Porete viveu em pleno período de Cristandade. Conceito que merecia uma explicação, dado o seu uso indiscriminado. A cristandade não se deu da mesma maneira e com a mesma intensidade em todas as partes e lugares.²²

Ao trabalhar a temática do *Deus cortesia*, Mariani, obliquamente, construiu uma ponte entre a chamada *mística da essência* e a *mística sponsal*. Uma brevíssima apresentação da gênese de cada uma auxiliaria o leitor a situar-se no complexo e intrincado mundo da mística.²³

A *mística da essência*, de matriz grega, teve acolhida no pensamento dos Padres da Igreja, sendo introduzida na Idade Média pelo Pseudo-Dionísio (450-535) e depois inspirou a mística renana-flamenga e através dela outras correntes místicas e filosóficas modernas.²⁴

A *mística nupcial* ou *sponsal* deita raízes nas tradições bíblicas e hebraicas que tem no *Cântico dos Cânticos* uma de suas expressões. Nele simboliza-se as bodas entre Deus e sua

¹⁹ Ver o sugestivo estudo de DUBY, G., *Damas do Século XII*. As lembranças das ancestrais. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

²⁰ Cf. C. M. B. MARIANI, *Marguerite Porete*, op. cit., pp.185-186.

²¹ Para aprofundar ver: BENTHENCOURT, F., *História das Inquisições*. Portugal, Espanha e Itália, Séculos XV-XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 2000; Cf. R. VAINFAS, Inquisição. In: VAINFAS, R. (Ed.), *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2000, pp. 308-310.

²² Por Cristandade se entende um sistema de relações entre Estado e Igreja, no seio de uma sociedade, onde ambos se legitimam e o processo histórico determina a compreensão das relações entre Igreja e Estado.

²³ Cf. G. MOIOLO, *Mística Cristiana*. In: DE FIORES, S.; GOFFI, T. (Eds.) *Nuovo Dizionario di Spiritualità*. Roma, Pauline, 1979, pp. 985-1000.

²⁴ Para informações sobre a temática da incompreensibilidade divina no Oriente e no Ocidente: Cf. H. L. VAZ, *Antropologia filosófica I*. São Paulo, Loyola, 1991, p. 287 [nota 174].

²⁵ Cf. A. MAR-
CHETTI, *Mística*.
In: CENTRO DI
STUDI FILOSOFICI
DI GALLARATE,
Dizionario delle Idee.
Firenze, G.C.Sansoni,
1977, pp. 706-708.

²⁶ Cf. H. VILHENA
DE ARAÚJO, *O Espe-*
lho, op. cit., p.33.

²⁷ Cf. C. M. B. MA-
RIANI, *Marguerite*
Porète, teóloga do
Século XIII, op. cit.,
p. 133.

²⁸ von RUYSBROECK,
J., *Les Douzes beguines*.
Bruxelas, Vromant,
1938; von RUYSBRO-
ECK, J., *L'ornement*
des nocces spirituelles et
l'anneau ou la pierre
brilhante. Bruxelas,
Vromant, 1928.
Cf. H. VILHENA DE
ARAÚJO., *O Espelho*,
op. cit., p. 89.

esposa, o povo de Israel. A Idade Média resgatará a imagem das bodas realizando um deslocamento para falar das relações entre Cristo e a alma. O comentário de Guilherme de Saint-Thierry (1085-1148) ao Cântico dos Cânticos é paradigmático dessa perspectiva.²⁵

No texto, Mariani faz referência a Boécio (480-524). Dada a sua importância, esse autor romano-cristão nos seus escritos apresentou a concepção trina e multicultural de Deus. Boécio foi o último dos filósofos romanos e o primeiro dos teólogos escolásticos. Traduziu e escreveu muito, imbuído pela preocupação de articular a tradição cultural clássica e a moral latina, interpretando-as numa perspectiva cristã-religiosa, recorrendo ao pensamento agostiniano. Pode-se dizer que, nele, a filosofia clássica transformou-se em teologia, o helenismo em cristianismo.²⁶ Uma nota de rodapé cairia bem para apresentar essas informações.

Das sugestões

A tese pede um índice remissivo, um ou dois anexos, uma complementação bibliográfica. Quanto ao índice remissivo, auxiliaria muito em pesquisas futuras. Os anexos trariam passagens do *Mirouer*, possibilitando ao leitor sentir a dinâmica interna presente no próprio texto, A título de exemplo, uma passagem que permite tal experiência é a da descrição da radical conversão da vontade – morte da vontade própria – para que Deus se faça presente na alma. *Para anunciar essa descoberta, fruto de seu próprio itinerário místico, a autora empreende em seu texto uma grande discussão da qual participam personificadas as várias categorias teológicas vigentes em sua época: Razão, Amor, Virtudes, Igreja (a grande e a pequena)*, nota Mariani.²⁷

Dois conceitos onipresentes no texto da tese merecem ser explicitados, o conceito de experiência, que se reveste de importância para uma adequada compreensão da experiência mística, ainda mais diante da banalização do termo mística. O segundo conceito, o de tradição, conceito frequentemente entendido de modo redutivo.

Mariani apresentou uma rica bibliografia, que se fez presente na elaboração da tese. A título de sugestão, aponto três títulos, que certamente a autora gostaria de ler. Primeiro, os belos textos de místico medieval Jan Von Ruysbroeck, intitulados *Les Douzes béguines* e *L'ornement des nocces spirituelles et L'anneau ou la Pierre*, brilhante.²⁸

A teóloga latino-americana Ivone Gebara, no livro *Trindade. Palavras sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista*²⁹ traz contribuições instigantes sobre o tema da Trindade.

A proposta de Gebara é repensar a Trindade em estreita ligação com a experiência humana, com um objetivo de ordem positiva, pastoral e sobretudo, ecofeminista. *Quero, com vocês, me interrogar sobre aquilo que experimentamos hoje e que nos leva a falar da Trindade.*³⁰ Para a autora, a experiência humana em relação a Deus é de uma amplitude extraordinária e não pode ser reduzida à elaboração teológica da Trindade, que apropriou símbolos trinitários de modo indevido e exclusivo. *Se a palavra Pai, Filho e Espírito Santo são símbolos, precisam ser compreendidos sempre de novo para que sua extraordinária riqueza apareça.*³¹ Tarefa nada fácil, a história da Igreja confirma as venturas e desventuras de tal empreitada.

Como última sugestão bibliográfica, aponto o livro de Leonardo Boff, *Igreja, Carisma e Poder*. Sobram motivos para incluir este livro na bibliografia. A questão da relação entre Instituição e Carisma, colocada com acuidade no livro, justificaria a inclusão. *Boff advoga pela recuperação de um equilíbrio perdido entre carisma e instituição, de uma ordem na qual a instituição seja função da comunidade (e não fim em si mesma), capaz, portanto, de acompanhar as transformações históricas, enfrentar rupturas e encontrar novas respostas institucionais,* pontua Palácio.³²

Pode-se indicar, ainda, a questão da encarnação do cristianismo na história e de suas concreções históricas, sociais e culturais e a temática da continuidade e descontinuidade com relação à tradição teológica cristã.

Das considerações finais

Lendo sobre o movimento beguinal no bojo do qual emergiu uma mística que se expressava em língua vernácula, pensei na carência de uma reflexão teológica brasileira sobre a *mística popular*. É verdade que em outros países latino-americanos há uma sensibilidade maior para o tema, sensibilidade acompanhada de uma produção acadêmica mais significativa.³³

Não resta dúvida que a mística popular latino-americana nasceu no interior da tradição cristã e se sente fortemente ligada a ela. No entanto, sua identidade não é especular, carrega peculiaridades que lhe permitem expressar diferenças. Para a mística popular latino-americana, o encontro com

²⁹ GEBARA, I., *Trindade, palavras sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo, Paulinas, 2004.

³⁰ Idem, p. 24.

³¹ Idem, p. 19.

³² Cf. C. PALÁCIO, Da Polêmica ao debate teológico. A propósito do livro 'Igreja: carisma e poder'. In: BOFF, L. - PALÁCIO, C. (Eds.), *Igreja: Carisma e poder*. Da polêmica ao debate teológico. Petrópolis, Vozes, 1982, p. 273.

³³ Cf. J. R. SEIBOLD, La mística popular como conjunción de fé y razón en América Latina. Em *STROMATA*, 60 (2004), pp. 191-228; J. R. SEIBOLD, Los lenguajes de la mística popular. Un acercamiento desde el catolicismo popular latinoamericano. Em *STROMATA*, 61 (2005), pp.195-204.

Deus está associado ao encontro com o próximo. *Pode-se dizer que nosso povo vive no seu encontro com Deus, com a virgem e os santos, um encontro de amor e intimidade cheio de familiaridade, simplicidade e proximidade mas aberto ao mesmo tempo aos demais*, afirma Seibold.³⁴ A intensa vivência das relações familiares, vicinais e comunitárias são mediadores do encontro com Deus, presente no dia-a-dia.

A tese de Mariani alerta os teólogos latino-americanos para trazerem para a sala da reflexão teológica a mística popular, sustentáculo do povo cristão.

Iniciei esse breve comentário com Guimarães Rosa e quero terminar com ele. No decorrer da tese, uma idéia se repete renitentemente. No final do capítulo segundo, diz Mariani; *Simplificada, com o corpo transformado pelas tantas mortes, Marguerite relata finalmente seu salto abissal no UM, o Amor que vem do Pai, e do Filho, o UM é Deus nela, Deus em nós, O Espírito Santo, o Fin Amour...*³⁵ Abrindo o capítulo quarto, temos a seguinte observação: *O caminho que Marguerite Porete traça, fundamentada em sua própria experiência, implica um doloroso processo de saída de si em direção a Deus que, em sua liberdade, não cabe nas expectativas humanas. Saída de si e salto no vazio.*³⁶

Ainda nesse capítulo quarto, Mariani reitera: *o caminho da alma aniquilada é descrito como o duro caminho daquele que deve esgotar todas as mediações propostas na passagem de um estado a outro, atravessar e se liberar de tudo o que serve de apoio para um mergulho incondicional em Deus, o Loin-Près, totalmente transcendente e absolutamente próximo.*³⁷

O herói do conto *O Espelho* fala, também, de um salto mortal. *Se sim, a vida consiste em experiência extrema e séria, sua técnica – ou pelo menos em parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o salto mortale.*³⁸

Salto abissal, salto no vazio, mergulho incondicional, dador da autêntica existência, mediador da *vera forma*, tão buscada pelo herói do *O Espelho* e por Marguerite Porete. Vilhena diz com precisão teológica: *É o salto que o faz [herói] morrer para a natureza animal, física, corporal – para a imagem da onça – e ressurgir para a natureza divina, para a luz incompreensível no espelho vazio. É o salto que abre os olhos intelectuais, para o nada, que nos torna videntes.*³⁹ Mariani explicita dizendo: *O grande salto de Marguerite Porete se faz, todavia, diante do Mistério da Redenção...os tormentos do Filho de Deus por nós nos transportam para dentro de Deus, fazem ser filho como ele é Filho, livres do pecado e capazes de ver a Trindade Divina. O Filho salva e permite a Deus realizar a sua obra.*⁴⁰

³⁴ Cf. J. R. SEIBOLD, *La mística popular como conjunción de fé y razón en América Latina*, op. cit., pp. 227-228.

³⁵ Cf. C. M. B. MARIANI, *Marguerite Porete, teóloga do Século XIII*, op. cit., p. 67. O itálico desta citação e das que se- guem é nosso.

³⁶ Idem, p. 125.

³⁷ Idem, p. 145.

³⁸ Cf. J. G. ROSA, *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001, p. 128.

³⁹ Cf. H. VILHENA DE ARAÚJO, *O Espelho*, op. cit., p. 41.

⁴⁰ Cf. C. M. B. MARIANI, *Marguerite Porete, teóloga do Século XIII*, op. cit., p.192.